

BRASIL—PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
EDITOR — Carlos de Magalhães Buarque.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A. Editora», L. do Conde Barão, 59 — Lisboa.

1 DE JANEIRO DE 1911

N.º 287

ILHA DA MADEIRA



Cruzinhas

A' beira do Jordão

Jesus, n'aquella tarde de sol, sentara-se, exausto de pregar, sobre um cômodo de relva que se alteava n'um descampado verde situado na margem esquerda do rio sagrado.

Estava no segundo anno da pregação, e a fama das suas parabolâs, levadas a toda a parte pelos soldados romanos e pelos mercadores orientaes, chamava á Judeia ignorantes e philosophos, príncipes e mendigos, avidos de sciencia e de justiça.

N'essa tarde, reuniram-se em sua volta crentes de todas as theogonias e discipulos de todas as escolas.

Misturados e confusos, viam-se capacetes de legionarios romanos, faiscantes de aço polido; turbantes agarenos de sedas claras; *coffies* de linho branco fiado por labios de judias e mantos damasquinos tingidos na púrpura por mãos de donzellas phenicias.

Velhos de calva e barbas brancas, desgrehados, como videntes em extase; moços escravos de cabeça descoberta e cabellos cortados cerce, de olhos salientes, a faiscarem nas alegrias da revolução bemdita; mulheres de todas as classes ciciando palavras de bênção; e á roda de Jesus, vestido de linho branco, como rosas á volta de um lyrio, as creancinhas fugidas aos apertos da multidão.

Finda a pregação, todos queriam saber, resumidamente, o que era preciso para chegar á perfeição e attingir a immortalidade.

«Mestre, que é preciso para chegar á Verdade?» perguntava alto um estrangeiro aproximando-se do Rabbi.

Mas logo a multidão acotovelando-se, em redemoinhos o afastava sem ouvir resposta.

E a mesma pergunta era repetida em muitas linguas, desde o



Nascimento de Christo
(Quadro de Van Dyck)

monosyllabo guttural do syriaco ao vocabulo euphonico da lingua hellenica.

Discipulos de Socrates, lembrados da taça da cicuta, queriam discutir, com Jesus, as doutrinas do philosopho martyr e saber novas delle...

Pagãos bellos de Sparta, ostentando corpos perfeitos como esculturas de Phidias, mostravam-se-lhe em frente, a perguntar-lhe, com a primeira duvida nos olhos, se a Verdade não era a belleza plastica da vida physica.

Persas de Zoroastro que, nas madrugadas, subiam com as mulheres ás lombas da serra para resarem ao sol nascente: O' Sol, faz que os nossos filhos nasçam brilhantes e gloriosos como tu, que a fama d'elles ande eternamente á volta do mundo, que a sua gloria encha o infinito e chegue a toda a parte como o ouro da tua luz.

Guerreiros latinos, valentes como Hercules, que ambicionavam a sua transformação em astros, e passavam as noites de sentinella a espiar o inimigo e a perscrutar, para depois da morte, um logar vago entre duas estrellas...



Presepio
(Quadro de Murillo, existente no Vaticano)

Emirs da Arabia, ricos de camêllos carregados de escravos, incenso e ouro, que vinham saber se o seu reino se abria a estas offerendas.

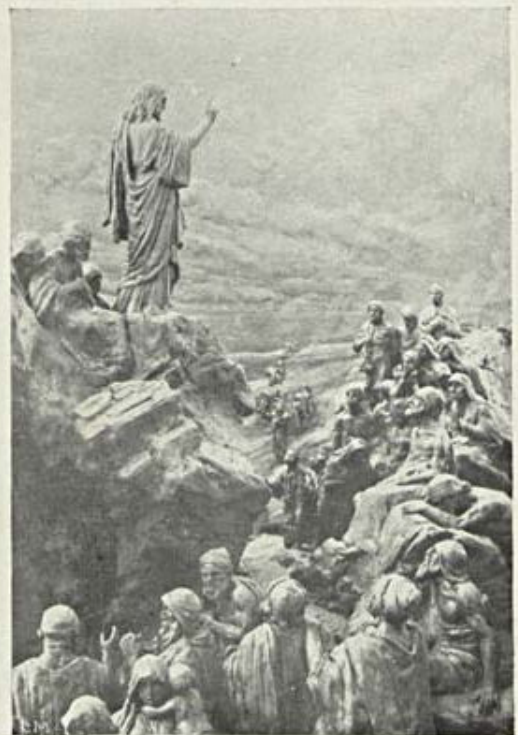
Filhos de Budha e de Confucio, de Abrahão e de Jupiter, estavam ali, n'aquella tarde, em roda de Jesus, d'esse Nazareno desarmado, vestido de linho branco, que derruía a fortaleza de todas as civilisações com o mel suavissimo da sua palavra.

«Mestre! — clamavam todos com anciedade — que é preciso para alcançar a Gloria?»

Mas Jesus não respondia. Meditativo e concentrado, como se elle não fôra omniscente, parecia recapitular toda a pregação, para a synthetisar n'uma resposta que fosse o resumo do seu Evangelho. A multidão, anciosa, entristecia, porque o sol ia esmorecendo e a noite avisinhava-se.

Mas Jesus, n'um instante, erguera-se serenamente, branco, espi ritual, sobre o cômodo de relva. Toda a multidão ajoelhou fazendo silencio, olhando-o avidamente.

O sol que a essa hora já mergulhara meio disco na aresta da



Jesus prégando na montanha

serra, estendera sobre os crentes a sombra como um veu largo de penitencia, e em toda a planicie só a fronte e o peito de Jesus se viam illuminados.

Foi então que Elle abrindo as mãos sobre as cabeças das crean-

cas que o rodeavam, disse aos crentes de todas as civilizações, sedentos de verdade e ventura:

«Em verdade vos digo que se não fôdes como estas creancinhas, em verdade vos digo que não entrareis no reino do céu.»

Padre Silveira d'Almeida.

O Natal de 1910



No largo de S. Domingos. — Um acampamento de perus

A MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Descia a passo e passo a escada estreita.

Com as flôres mortaes, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

Como creanças, em lóbrega jornada,
Que a mãe leva ao collo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Antônio do Quental.

A Imprensa Regia

Fez no dia 24 do mez findo 152 annos que foi fundada a Imprensa Regia, hoje Imprensa Nacional, que começou a funcionar no anno de 1769 no palacio de D. Fernando Soares de Noronha, na antiga travessa do Pombal, hoje rua da Imprensa Nacional.

Juntou-se á Imprensa Regia uma fabrica de cartas de jogar, e uma aula de gravura, de que foram professores Joaquim Carneiro da Silva e Bartolozzi, ambos celebres n'esta arte.

Serviu de fundação á imprensa a officina typographica de Miguel Menescal da Costa, que foi o seu primeiro administrador.

No alvará de 24 de dezembro de 1768, lê-se a seguinte disposição: «Todas as obras que se mandarem imprimir pela Directoria Geral dos Estudos, pela Universidade de Coimbra, pelo Real Collegio dos Nobres e por outras quaesquer comunidades ou pessoas particulares, pagarão á impressão os justos e moderados preços, que forem regulados em conferencia, sem alteração a grandes interesses; pois que o fim d'este estabelecimento é o de animar as letras, levantar uma impressão util pelas suas produções e dignas da capital d'estes reinos».

Este estabelecimento que estava em grande decadencia quando veio o regimen liberal, engrandecceu-se depois, devido aos esforços dos administradores Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Liberato Freire de Carvalho, e mui principalmente a José Frederico Pereira Marecos; possui hoje todos os melhoramentos, e pôde dizer-se que rivalisa com os melhores da Europa.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta a uma velha amiga

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito

A preguiça, ou melhor dizendo, a incapacidade para o trabalho, consequencia natural do meu estado achacoso, impediram-me de mais cedo cumprir o grato dever de responder á sua cartinha que aqui chegou generosamente acompanhada pelos quatro capões, o casal de perus, a cesta de fruta e os covilhetes de doce com que v. ex.^a quiz atenuar a tristeza das minhas festas. Não me tome por ingrato, para não ser injusta. Atribua o meu silencio á minha doença e concomitante tristeza e á minha pouca sorte.

Sim, D. Dorothea, á minha pouca sorte. Porque se eu tivesse escripto a V. Ex.^a ha quarenta e oito horas, ter-lhe-ia contado muita, muita coisa que n'este momento já lhe não posso dizer... Não se espante nem julgue que estou brincando. E' assim mesmo.

Ha quarenta e oito horas eu poderia ter-lhe dito tudo quanto corre por aqui, coisas com visos de verdade, bernardices, sebastianismos... Encheria algumas laudas de papel que não teriam outro merecimento senão entretel-a por alguns minutos, mas teria satisfeito a sua curiosidade e cumprido o dever de acatar os seus desejos, que para mim são respeitadas ordens.

Agora... agora é impossivel.

Ainda não ha duas horas, li no *Diário do Governo* um decreto com força de lei cominando penas severissimas áquelles que sejam sorprendidos fazendo circular boatos e noticias tendenciosas, ou que possam prejudicar a regular marcha da coisa publica, sejam ou não verdadeiros. E digo sejam ou não verdadeiros porque nunca se pode averiguar se um boato é verdadeiro quando se tem por dever acreditar que tudo é falso.

N'estes termos, que fazer? Que lhe hei-de dizer? Por muito respeito que v. ex.^a me mereça — e merece-me todo o respeito — eu, com franqueza, não estou disposto a malhar com os ossos tres mezes, pelo menos, no Limoeiro, com o contrapeso de uma avultada multa, para satisfazer a sua curiosidade, aliaz duas vezes justificada — a curiosidade d'uma senhora e d'uma senhora que vive longe de Lisboa, que no pensar de muita gente — é Portugal.

Ora attente v. ex.^a no caso d'aquelle homem da alfandega... V. ex.^a não sabe o que é o caso do homem da alfandega... Pois eu lhe digo: Trata-se de um homem, empregado menor da alfandega, creatura de poucos haveres, é claro. E como pessoa de fracos recur-



O Natal de 1910. — Perus em poder do inimigo
Ajustando a conducção dos prisioneiros

(Clichés de J. Benoit).

Visita do ministro da justiça ás easas religiosas



No convento de Arroyos

O sr. dr. Affonso Costa conferenciando com o presidente da junta de parochia d'aquella freguezia
(Cliché de J. Benollet)

sos tem dificuldade em se distrahir, porque não lhe sobram os dinheiros precisos para ir aos theatros tomar o servido chá do adulterio francez, aos circos vêr matulões esbarrondando os focinhos e aos animatographos vêr Napoleão Bonaparte catando pulgas em Santa Helena.

De que se havia de lembrar o homem da alfandega para distrahir o espirito das apoquentações d'esta triste vida? De se divertir á custa alheia sem, todavia, entrar pela algibeira do proximo. Fez-se desfructador. Dizia a tres ou quatro populares que se conspirava aqui, alli e acolá, que em certos sitios solitarios havia conferencias de embuçados com policías, soldados e marujos... E contava aquillo com um grande ar de mysterio, aguçando a curiosidade dos populares, a quem convidava para um passeio a tal ou tal sitio d'onde se via tudo...

Iam por ali fóra, elle e os parvos. Andavam, andavam, andavam... Os outros já davam ao diabo a cardada e amaldiçoavam a sua curiosidade. Por fim chegavam a um ponto qualquer. — E' aqui! dizia baixinho o da alfandega. Ainda não vieram, esperemos...

Espervavam e esperariam até á consumação dos seculos, se no espirito dos tolos, apesar da sua sabida pobreza, se não ferisse luz a certa altura:

— Este maroto esteve a caçoar connosco!

O da alfandega soltava uma gargalhada e vinham todos por ali abaixo, rindo da partida, bebendo seu decilitro onde calhava — isto é, em toda a parte onde havia vinho.

Um dia, porém, os convidados foram aos ares com a partida e no regresso trouxeram o homem da alfandega sob prisão, indo entregal-o ás auctoridades como propalador de boatos terroristas. E em tão má hora o fizeram para o desfructador, que este está entregue ao poder judicial para responder e pagar pela sua mania de caçoar com o proximo.

Ora eu vejo as barbas do homem da alfandega a arder, D. Dorothea, e peço licença a v. ex.ª para pôr as minhas de molho. De resto, palpita-me que o que corre por ali — se é que corre alguma coisa que não seja agua-pé regadora de más castanhas, que este anno sahiram

na mór parte podres — já chegou á Candosa e correcta e augmentada pela transmissão de boccas tolas para orelhas parvas e siga a dança...

E n'estas circumstancias... vós que sabeis e eu que sei, calae-vos vós que eu me calarei...

E o melhor, D. Dorothea, é o melhor!

Os dias teem estado lindos, lindos, minha querida amiga. O ceu muito lavado de nuvens, de um azul purissimo, sol brilhante e acariciador, e uma temperatura deliciosa. Um verdadeiro encanto. Tambem já era tempo. E por essas ruas vae uma animação extraordinária. Vontade que esta gente tem de divertir-se? Hum!... Mas é que ha já muitos dias a população feminina não vinha á rua, nada disposta a encharcar as toillettes e a apanhar uma defluxeira mestra. Agora, com estes lindos dias, a desforra tem sido completa. Anda o poder do mundo no meio da rua. Ha horas em que chega a ser difficil o transito. Das 3 para as 5 na Avenida não se pode romper com madamismo catita e bicho homem para lá caminhando. E das 8 da manhã ás 8 da noite, a concorrência de perus e consortes no largo de S. Domingos é coisa muito digna de vêr.

E agora por perus quero dizer-lhe uma coisa: se a D. Dorothea tem mandado cá para Lisboa os seus tinha feito uma continha calada. Estão pela hora da morte. Não percebo isto. Os cambios, que sempre são os cambios, mantiveram-se. Os perus, que afinal de contas não passam de



Visita do ministro da justiça ás casas religiosas

O sr. dr. Affonso Costa visitando o convento do Sacramento em Alcantara
(Cliché de J. Benollet)

umas reles aves, subiram de preço escandalosamente. Tanto, que eu não comeria raça d'esse bicho se a D. Dorothea não tivesse a lembrança de me mandar aquelle casal.

No dia de anno-bom marcham para a Eternidade com uma garrafinha de Collares. Se Deus quizer! Para esse effeito a Maria do Rosario embebeda-os ha uma semana, dando-lhes tres vezes por dia, como as boticadas da homeopathia, rações de agua-ardeente.



O sr. ministro da justiça trabalhando nos negocios da sua pasta
(Cliché de A. C. Lima)

De novo, e coisa que se possa dizer sem provocar engulhos, pouco, muito pouco ha, minha excellente amiga. O ramerrão de sempre.

O senhor Affonso Costa, sempre que a afanosa lide da pasta da justiça lh'o permite, vae visitar conventos e outros edificios que albergaram congregações ou grupos dispersos de religiosos. Ha dias foi elle ver os conventos do Sacramento e Arroyos, que segundo ouvi vão ser aproveitados para o estabelecimento de escolas.

No dia 26 realisou-se a entrega do novo lyceu Passos Manuel, construido na cerca do antigo convento de Jesus, ao reitor, Alfredo Ferreira Vidal. O edificio muito amplo e claro, obedece a todas as condições exigidas para estas construc-

Festa commemorativa do anniversario da Associação Protectora da Primeira Infancia



No Lactário de Lisboa. — Algumas das creanças premiadas

ções, mórmente as hygienicas. As aulas são muito amplas, arejadas e claras, providas de mobiliario elegante.

Commemorando o Natal e o anniversario da instituição, houve grande festa, no dia 25, na Associação Protectora da Primeira Infancia, vulgarmente conhecida por Lactário.

A sessão solemne assistiram os ministros do interior e da guerra, representando o governo, fazendo o dr. Augusto Lobo Alves uma interessante conferencia sobre a obra meritoria da Associação.

Foram distribuidos enxovaes completos a 130 creanças soccorri-



(Clicke de A. C. Lima).

O lyceu Passos Manuel

O novo lyceu Passos Manuel, recentemente inaugurado, é, pode dizer-se, uma obra do sr. João Franco. Foi este estadista que subindo ao poder mandou dar incremento ás obras que para tal fim se andavam fazendo na cerca do antigo convento de Jesus, obras que nunca haviam passado dos alicerces e que importavam já em quasi 300 contos. O edificio foi construido com a maior economia, importando em 200 contos, isto é, menos 100 do que tinham custado só os alicerces.

E' no entanto um estabelecimento modelar no seu genero.

As janellas são rasgadas e altas, o ar e a luz entram a jorros, os pateos e jardins de recreio e gymnastica são largos e tudo concorre para nos deixar a melhor das impressões.

O numero d'aulas excede trinta, havendo ainda divisões para o conselho escolar, para o reitor, vestiario, etc.

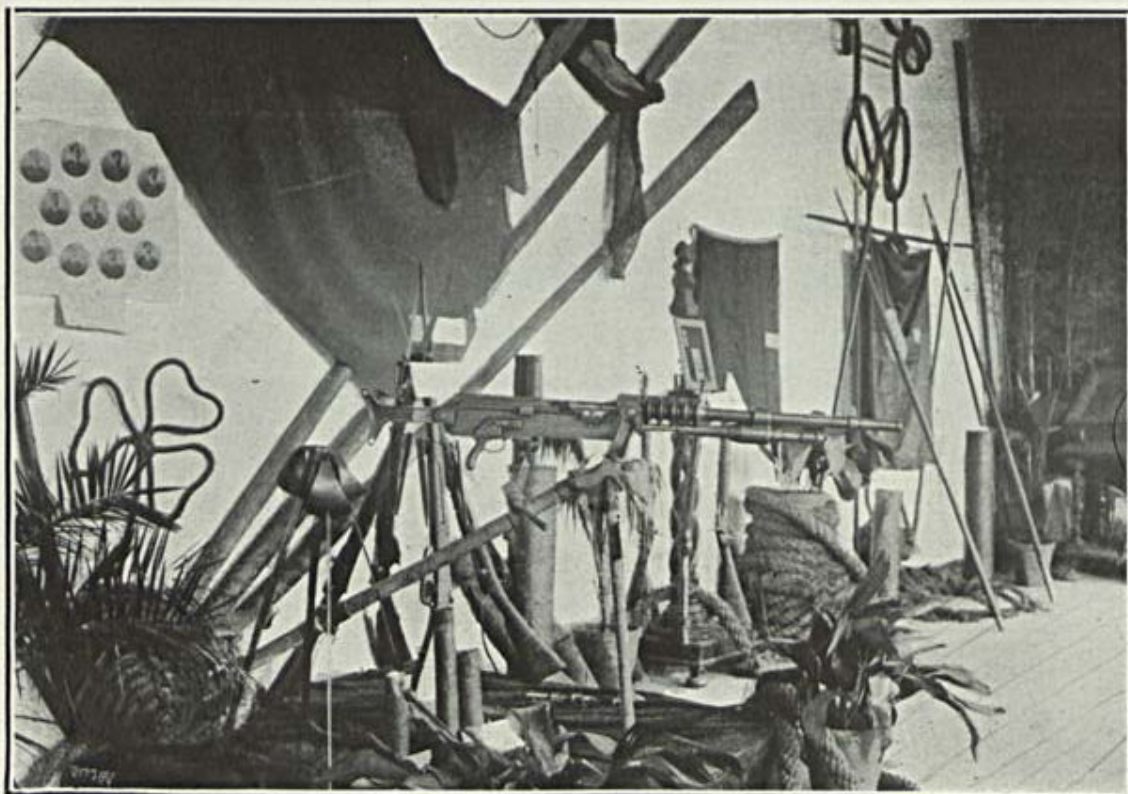
A poucos metros de distancia do edificio escolar, junto do qual passam duas novas ruas, ergue-se a habitação do reitor, um gracioso e elegante palacete, composto de rez-do-chão e primeiro andar, que contém onze divisões, além das casas de lavagens, etc. No mesmo edificio fica a habitação do guarda do lyceu.

O Museu da Revolução



Vitrine onde se acham expostas bombas de varios modelos e granadas de artilharia

O Museu da Revolução foi inaugurado no dia 29 do mez findo. Como o nome indica, serve para guardar e expôr ao publico muitos dos objectos de que se serviram os revolucionarios para a implantação da republica em Portugal. Entre esses objectos destaca-se a chamada artilharia civil ou sejam as bombas de diversos systemas que de ha muito se estavam fabricando em Lisboa afim de serem utilizadas quando rebentasse a revolução. Tambem alli se vê a farda do vice-almirante Candido dos Reis, a sua espada e o chapéu armado, as bandeiras com que infantaria 16 e artilharia 1 sahiram dos respectivos quartéis na madrugada de 4 d'outubro, varias granadas rebentadas, etc., etc.



(Clichés de A. C. Lima).

O Museu da Revolução. — Armas diversas de que se serviram os revolucionarios

das pelo Lactário e bem assim brinquedos de uma linda Arvore do Natal às crianças presentes.

Uma festa tocante,

E por hoje nada mais.

Beija-lhe reconhecidamente as mãos o seu amigo, admirado: e creado

Camara Lima.



O capitão de fragata Henrique Fliss

Commandante da "Presidente Sarmiento"

E' um dos ornamentos da marinha de guerra argentina. Prova-o o facto de ser elle o commandante da Presidente Sarmiento, navio escola onde se educam os marinheiros da florescente republica do sul da America. A publicação do seu retrato n'esta pagina é, portanto, uma prova da muita consideração que temos pelo distincto official que ainda ha pouco foi nosso hospede, ao mesmo tempo que representa uma homenagem ao bello paiz onde os nossos compatriotas recebem tão generoso acolhimento e que de ha muito vem manifestando desejo de conosco se approximar cada vez mais.

Recordando...

Choraste hontem n'Avenida,
Quem sabe, se arrependida
seria?

Olha, filha, não garanto,
Mas co'a causa do teu pranto
daria.

Choraste, sim, de saudade,
E por vezes a crueldade
d'alguem
Em matar o amor louco
Que nos demos, pouco a pouco
eu sei.

Dize-me porque fugiste,
Assim chorosa, tão triste,
amor?

Eu não rio, eu lamento
As causas do teu tormento
e dôr.

Não fujas, amor, de mim,
Quando te sentires assim
chorar.
Seja em casa, ou na rua,
Quem chora assim continua
a amar.

Se me amas eu tambem
A amar continuarei,
verás.
Pois és toda a vida minha
E jamais esquecidinha
serás.

Não me esqueço do passado
E vivo acorrentado
a ti.
Da valsa lenta, pausada,
Que dançavas abraçada
A mim.

D'esse mar que *tudo* viu
E envergonhado fugiu
a medo.
Batia contra os escolhos
E depois baixava os olhos...
Segredo!?

E quando o branco luar
Resvalava pelo mar
em prata,
Sentado n'aquelle banco
Sonhava n'um corpo branco
Que mata.

O que lá vae, sonhos idos,
Dispersos e tão s'quecidos,
já são.
As lindas tardes d'agosto,
De vermelho sol posto,
lá vão!

Lisboa, 19-12-910.

Antonio Lopes Quaresma.

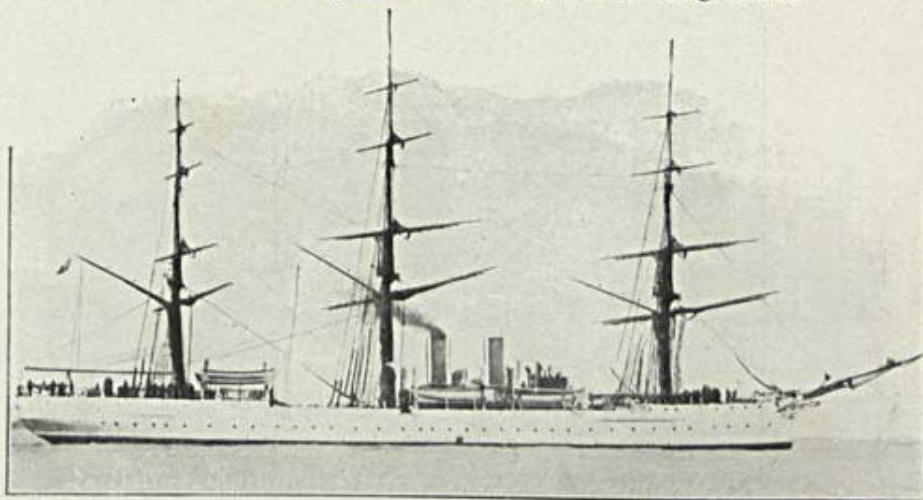
Um orador que renuncia á tribuna é como uma mulher bonita
que renuncia ao mundo.

DUQUE DE BROGLIE.

Muitas vezes as cousas falam quando os homens se calam.

PAUL BOURGET.

Marinha de guerra da Republica Argentina

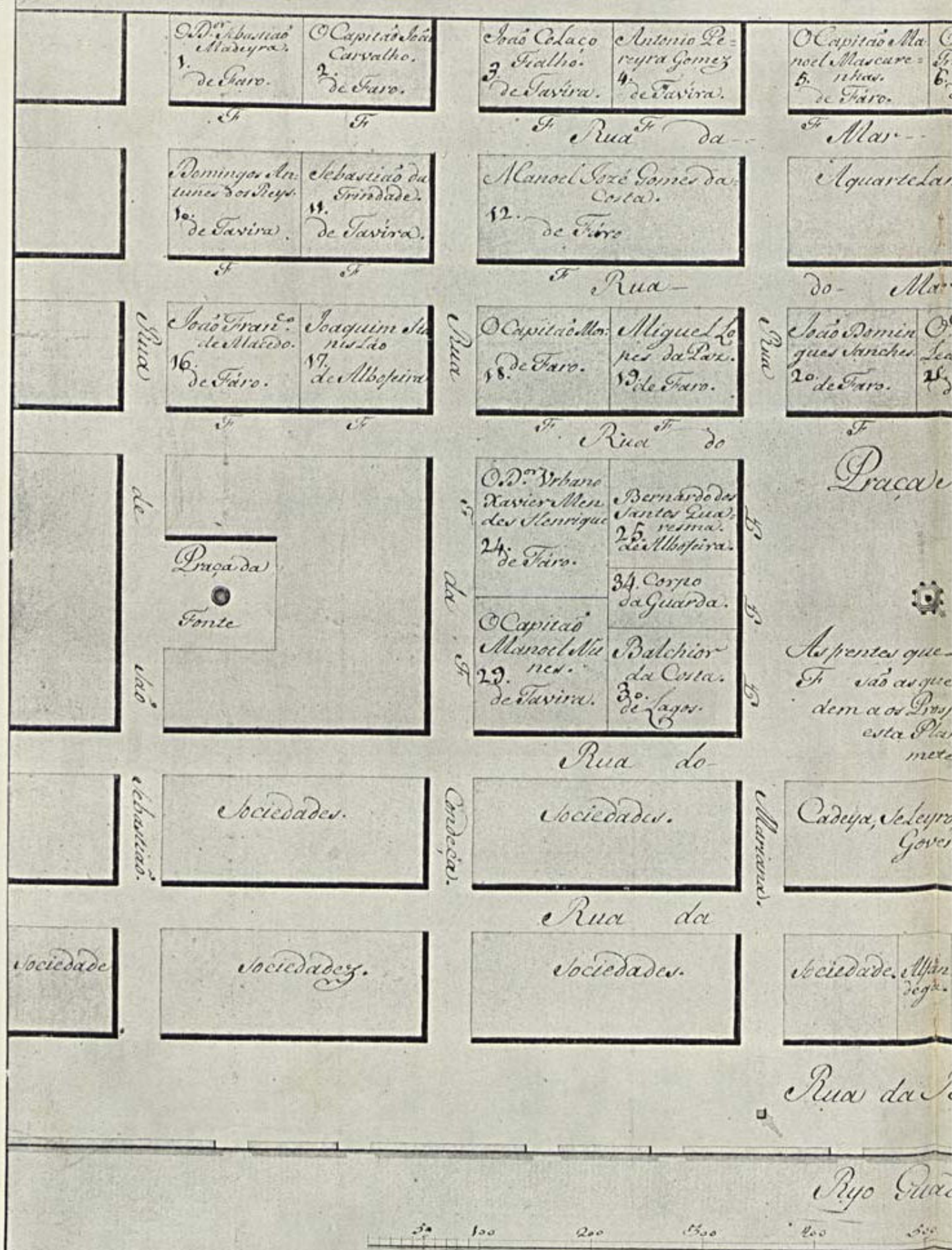


A corveta escola «Presidente Sarmiento»

Assumptos

Marques de Bombal.

Planta Geral da Villa de Santo Antonio



historicos

rio de Arenilha.

O Capitão 1.º Veloz. de Faro.	José Nunes de Villa Nova de Portimão.	Manoel Ro- drigues Mar- ques. da Alagova.	O Texoureiro Mór das Le- 9. de Faro.	
F	F guiza.	F	F	
mento.	O Varjento 13. Mór. de Loulé.	O Capitão 14. Mór. de Pera.	Jorge de Mello Ferragras 15. de Albufeyra.	
	quex. F	F	F	
Dez João al da Gama de Tavira.	Manoel de Garcias. 22. de Faro.	O Capitão Mór. 23. de Loulé.	Fabrica do Asento	
F	F	F		
Real.	O Mestre de Campo de Faro. 26.		Manoel Vaz Velho. de Tavira. 27.	Fran. Xavier Feles. 28. Arenilha.
Levado a letra			O Padre José Rodri- gues Calceoti 10. de Faro. 32.	Praca da Estalage Fran. Xavier Feles. 33. Arenilha.
Comprehen-	31. Dominges Mar- tins Mascarenhas. de Castro Marim.			
rectos que com	Principe			
ta vere				
em.				
e Casa do	Sociedades.		Sociedades.	
no.	Princesa.			
	Sociedades.		Sociedades.	
Raynha.				
dianna.				
600	700	800	900	Logo Palmas.



Os filhos dos reis de Hespanha

Assumptos historicos

Com estes importantes objectos remetto a V. S.^a com esta o Plano Geral de toda a Villa; com as denominações das Ruas, e das suas respectivas divisões; subdivididas nas Lajeiras, e baratas

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a curiosissima planta, que inserimos, da actual Villa Real de Santo Antonio, que primitivamente se chamou Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha, e para os velhos documentos que se referem á sua edificação na margem direita do Guadiana, quasi na foz d'esse rio, e fronteira da antiga cidade andaluza de Ayamonte.

A planta mostra a rubrica do marquez de Pombal, e dois dos documentos trazem a sua assignatura. Foram dirigidos para Tavira em 1774 e 75, ao governador e capitão general do Algarve D. José Francisco da Costa, natural d'aquella cidade, mais tarde 1.^o visconde de Mesquitella e armeiro mór do reino. Os autographos respectivos pertencem actualmente ao sr. D. José Mesquitella, bisneto de D. José da Costa, que amavelmente permittiu a sua reprodução no *Brasil-Portugal*.

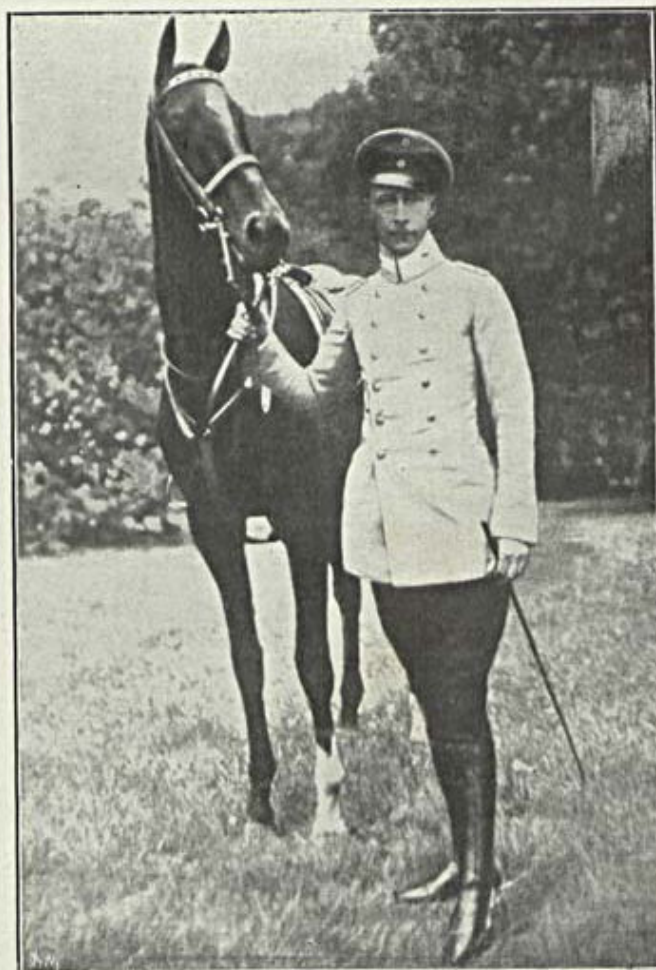
O marquez de Pombal, como se verifica na planta enviada, seguiu o plano que adoptára para a reedificação da Baixa de Lisboa depois do terramoto de 1755 — reedificação a que se faz referencia no primeiro officio que tem a data de 30 de junho de 74.

Archivamos n'estas paginas estes documentos ineditos, de grande valor, e em que se descreve a historia da pittoresca villa, hoje tão florescente e que é o terceiro porto portuguez pela sua industria e pela importancia do seu movimento maritimo.

Plano de edificação da Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha

Por todos os officios, que tenho dirigido a V. S.^a relativos á Fundação da Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha, terá V. S.^a conhecido quaes são as Intenções de EL REY Meu Senhor i assim na construcção material da mesma Villa; como no Estabelecimento do Commercio della: Animando-se hum, e outro Artigo com as providencias, que tenho participado a V. S.^a; e que deverão ter tido toda a sua devida execução.

Porque porem para florecer o Commercio, he precisamente necessario, que os que a elle concorrem hajam de achar o abrigo de competentes apozentadorias, em que se accomodem; sem as quaes não pode haver avultada concorrência de Gente, que ao passo, que faz augmentar o mesmo Commercio augmenta a mesma proporção a Agricultura, e os Fundos de Terras abertos para a ampliar: Em ordem destes uteis fins deve agora ser o principal cuidado de V. S.^a persuadir os Edificantes a levantarem Casas; já por força do beneficio, com que Sua Mage.^{de} os tem privilegiado; já pela actividade, concorrência, e diligencia de V. S.^a; e já estimulados pelo exemplo; pela alliviação benigna; e pelos estímulos do seu proprio interesse.



O principe herdeiro da Allemanha, com o seu cavallo favorito, no parque do castello de Potsdam

Igrejas, mosteiros e capellas



Rio de Janeiro. — Igreja da Glória

Propriedades de que se devem compor; e para serem destinadas, e repartidas pelas Pessoas, que me consta tem meos de poderem fazellas; quaes são as que constam da Relação inclusa; e para ellas vão logo os Prospectos, que acada huma competem, todos por mim rubricados.

Da referida Relação, Planta Geral e Prospecto, fará V. S.^a os competentes uzos, que entender mais proprios para animar e persuadir aessas Gentes pelos termos mais decentes, e efficazes, que lhe occorrerem: Afim de que Elles gostosamente acceitem a sua distribuição, eentrem cheyos de zelo, e de emulação aquerer cada hum mostrar-se reconhecido à lembrança do seu nome; e a agradecer, e lizongear a V. S.^a; que pela sua parte tão bem lhes facilitará todos os meos de ir adeante este Projecto; propondo-se elle com efficaçia, e tratando estes Negocios persi, e com o dezejo de os ver, não só adiantados, mas ainda concluidos.

Para tudo oreferido se servirá V. S.^a do prestimo, ezelo de Alberto Luis Pereira encarregandoo de todas aquellas diligencias, aque V. S.^a não puder chegar, ou que não devera ir pessoalmente; e ainda para facilitar a abundancia de materiaes, pedrarias, madeiras, ferragens, etc.; assim como já daqui se tem começado a praticar com a remessa de mais de duzentas Portiões de Cantaria, Portas, Ferragens etc., que o dito Alberto Luis Pereira tem feito lavar, e remetter para desviar o obstaculo dese encomendarem e esperar que cheguem. Eu applico a sua prompta partida para esse Reino. Até oito do Mes de Julho deverá porse a caminho. Ehebem certo, que (a excepção das Cazas da Praça Real) em todas as outras propriedades importará cada oito dellas o mesmo, ou ainda mais do que o custo de cada huma só dos das Sociedades, porque todas as outras Cazas são terreas, e de hum só pavimento. Eafacilidade da Construcção deminuirá o receyo de se não poderem verificar todas ao mesmo tempo.

Havendo entre estes Propostos para Edificantes alguns que se escuzem a V. S.^a por falta de meos; outros, a quem V. S.^a não deva convidar; e outros que queiram diverso chão do que se lhe destina: Poderá V. S.^a a todos estes Tres respeitos fazer as mudanças, e alterações, que bem lhe parecer; afim de que tudo se execute com promptidão, e gosto de todos aquelles a quem agora heprecizo logar para lhes metter em Caza os seus futuros interesses.

Ultimamente previno V. S.^a que esta qualidade de Negocios são daquelles, que se não deixam; nem ao expediente da Secretaria; nem aos termos ordinarios; nem aos decoacção. Devem ser regidos por hum juizo practico, activo, zeloso, em termos identicos aos de que me tenho sempre servido pessoalmente para a reedificação de Lisboa; onde ainda não houve a menor violencia. Não se tomou cousa alguma por força. Não se prendeo algum Artifice. E os edificantes, que a principio entraram com receyo; hoje desfrutando autilidade de grandes e avultados rendimentos, não cessam de me agradecer as diligencias, que lis para Elles entrarem a edificar as referidas Propriedades, como publicam em hum grande numero, com altas e repetidas vozes.

Deos guarde a V. S.^a. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 20 de Junho de 1774.

(a) Marquez de Pombal.

MONUMENTOS



Rio de Janeiro. — Estatua do general Osorio, na praça 15 de Novembro

Edificadores

Este officio era acompanhado de uma longa lista — que por longa omittimos — das Pessoas que podem formar os seus edificios na

Como vivem os esquimaus



Dois velhos esquimaus

Os esquimaus habitam a Groenlandia, a Terra de Baffin, o oriente e o norte do Labrador, os rios e ilhas da bahia de Hudson e todo o norte da America que é limitado pelo circulo polar arctico.

São de pequena estatura, não attingindo os homens mais de 1^m,62. No entanto são robustos sem serem corpulentos, caracterisando-se physicamente pelo tamanho do craneo, pela obliquidade dos olhos, pela saliencia das faces e pelas pequenas dimensões, em ambos os sexos, das mãos e dos pés.

Quasi todos são christãos e vivem agrupados em parochias com uma organização muito semelhante à dos municipios europeus.

nova Villa de Santo Antonio de Arenilha com a mesma data de 30 de junho de 1774.

Mas um anno depois, em agosto de 1775, o marquez de Pombal dirigia a D. José Francisco da Costa a copia da carta endereçada

à camara da nova povoação, em que se ordenava que ella passasse a denominar-se

Villa Real de Santo Antonio

El Rey Meu Senhor Manda remetter a V. S.^a a Copia incluza da Carta que se dirigio á Camara de Villa Real de Santo Antonio, com o assumpto da honroza Denominação que manda dar á mesma villa: Para que ficando V. S.^a na intelligencia do Contheudo na referida Carta, a dê V. S.^a á Execução na parte que lhe competir.

Deos guarde a V. S.^a Oeyras em 5 de Agosto de 1775.

(a) Marquez de Pombal.

Segue a carta em que se revela a energia do ministro de D. José e da qual se depreheende que os habitantes da villa não teriam recebido de boa mente a alteração imposta, visto que se impunham 15 dias de cadeia a quem não a acatasse.

Para o Juiz de Fora Presidente e Vereadores da Camara de Villa Real de Santo Antonio

El Rey, Meu Senhor: Havendo manifestado os benignissimos effeitos da Regia e Augusta Protecção nas promptas, e uteis providencias, com que promove, e auxilia a edificação dessa ampla, formosa, e bem situada Villa: E devendo na sua mesma Denominação ficar perpetuada a memoria dos Reaes beneficios, e da Regia, e immediata Protecção, com que Sua Magestade atem honrado: He o mesmo Senhor servido: que abollida para sempre a impropria e estranha Denominação de Arenilha, seja essa Villa denominada — Villa Real de Santo Antonio — sem outro algum accrescentamento: Chamandose, e perpetuandose este Nome nas palavras, e nos escriptos Judiciaes e extrajudiciaes, inalteravelmente. Do que tudo, para melhor execução desta Real Ordem, farão Vm.^{es} lavrar um Assento nos Livros da Camara, pelo qual conste que Sua Magestade assim o Ordenou: Comminando apena de quinze dias de Cadeya contra os que depalavra, ou por escripto derem a esta dita Villa outro Nome, que não seja o de — Villa Real de Santo Antonio —: E fazendo assim constar por Edital publico e aos Moradores d'ella, para que não possam allegar ignorancia em nenhum tempo.

Deos guarde a Vm.^{es}
Oeyras em 4 de Agosto de 1775

Marquez de Pombal

Oeyras em 14 de Agosto de 1775
Em auzencia do Official Mayor

(a) João Chrysostomo de Faria e Souza de Vas^{es} de Sá.



Um gracioso madrigal.

Ella — Não recebeu pelo correio a minha carta?

Elle — Não.

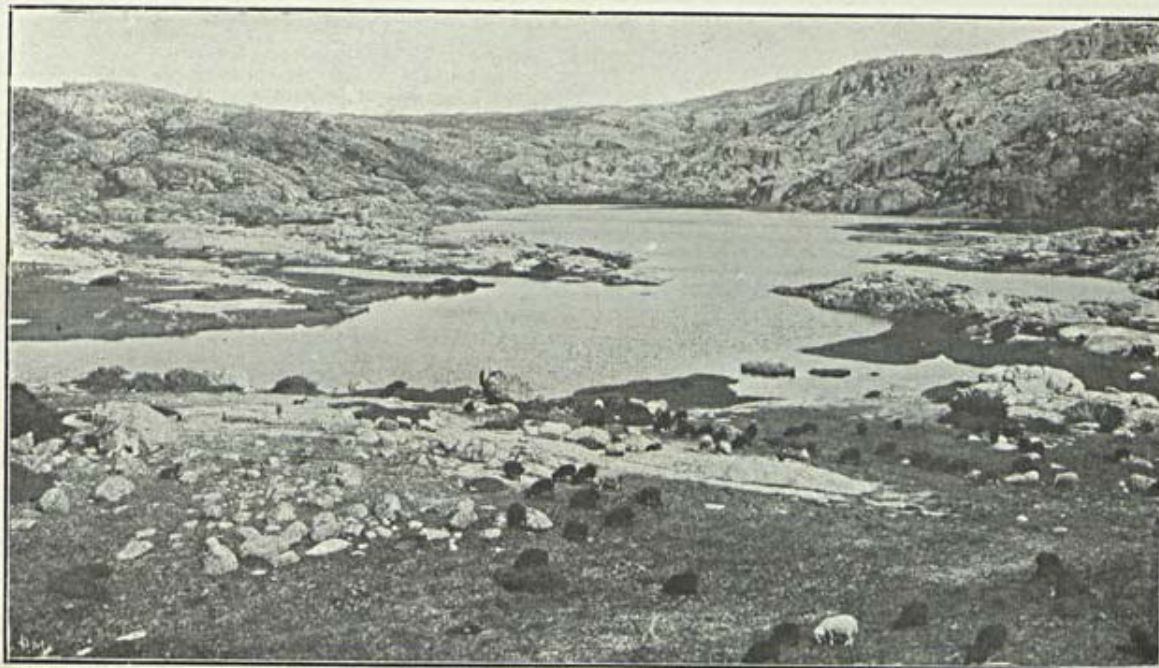
Ella — Pois olhe! N'essa carta mandava-lhe um beijo!

Elle — Que descuidada! Não sabe que as cartas que encerram objectos de valor devem sempre registrar-se?



Como vivem os esquimaus. — Um acampamento

Aspectos da Serra da Estrella



Um trecho da Lagóa Comprida

A Serra da Estrella

Na longitude E., $1^{\circ} 34'$ e $37''$, e latitude N., $39^{\circ} 59'$ e 40° do meridiano de Lisboa, correndo na direcção N. E. a S. O., encontra-se a montanha mais elevada da grande cordilheira da Estrella, que divide em Alta e Baixa as duas provincias da Beira.

Dizem muitos geographos que esta cordilheira é uma ramificação do systema orographico hispanico, ou pyrenaico, que entrando em Portugal pelo nascente constitue a imminencia mais importante do pequeno systema beirão, ou grupo central, comprehendendo os montes situados ao norte do rio Tejo, entre as provincias da Beira e Extremadura.

Faria e Sousa e Duarte Nunes de Leão, descrevendo o encadeamento secundario d'esta serra com as principaes do continente, imaginaram a crusta da terra formada por um espinhaço de montes que tem a sua origem no monte Tauro. Este monte divide e subdivide o mundo com os seus multiplices braços, que tomam diversos nomes segundo a diversidade de povos que atravessam: chamam-se Alpes se dividem a Germania da Italia, Apeninos se cortam a Italia, Pyreneus se limitam a França da Hespanha, etc.

D'estes ultimos montes entram em Hespanha muitas ramificações, que se appellidam de varios modos: *Indubedos*, *Orospeados*, etc.; procede dos Indubedos a cordilheira da Estrella, que, atravessando Banilla e Bajar, faz a sua entrada magestosa ao nascente de Portugal proximo da cidade da Guarda.

Segundo notaveis geographos, destaca-se das montanhas da peninsula, conhecidas pelo nome de *Montes Ibericos*, uma importante ramificação das suas cadeias secundarias, que atravessando a peninsula de oriente a occidente produz a divisão das bacias do Tejo e Douro. Tal ramificação é a Serra da Estrella; vem desde as orlas mais orientaes do districto da Guarda até á extremidade do Cabo da Roca; ao norte da foz do Tejo forma a encantadora *Flor de Mar-more*, — a Serra de Cintra.

E. Reclus nota que é nos ultimos promontorios da Louzã que termina o systema orographico da Serra da Estrella.

Parece-nos esta a filiação mais rigorosa dos montes que formam a cordilheira da Estrella, e mais exacta ainda a classificação do sr. Marrecas Ferreira denominando este massiço de montanhas, que se encontram entre Douro e Tejo, — *cordilheira-carpetano-luzitânica*.

Bory de S. Vincent designou-a *cordilheira-carpetano-vettonica*, em attenção aos povos carpetanos e vettonicos que a habitaram, pois que atravessa o territorio da antiga Luzitania, onde tem uma parte importante do seu curso: os *vettones* occuparam tambem parte da região circumscripta por estas montanhas.

Muitos geographos modernos, porém, reconhecem menos importancia aos montes Ibericos, consideram a Serra da Estrella uma ramificação dos Pyreneus, e dizem que, na hypothese contraria, a cordilheira secundaria da Estrella seria de formação vulcanica e não plutonica (Pyreneus). Semelhante asserção parece-nos destituída

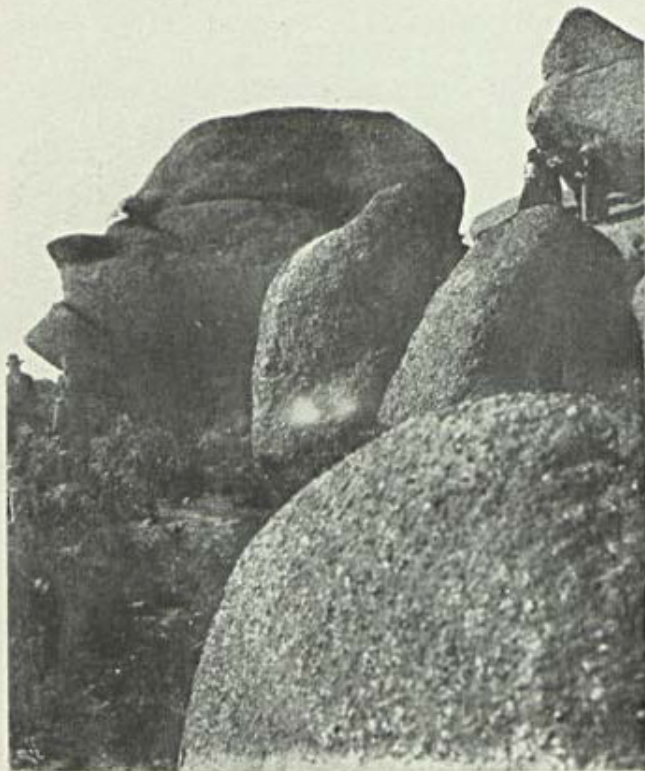
de fundamento: seja embora a Serra da Estrella uma ramificação dos montes Pyreneus ou Ibericos, a sua massa é terrosa e de formação essencialmente granitica.

Tem-se attribuido á Serra da Estrella altitudes tão diversas e desmedidas, que alguns geographos elevam-lhe a maior culminancia a 7:500 metros acima do nivel do mar, ou 5:850 metros referidos á sua base.



Aspectos da Serra da Estrella. — Marco geodesico de 1.ª ordem construido no principio do seculo passado no ponto culminante da serra (2:000 metros de altitude)

E' certo, que a altitude maxima d'esta serra não attinge sequer a differença entre aquelles dois numeros, embora exceda 1:500 a 1:700 metros indicados por Casado Giraldes. E tal é a variedade de opiniões que difficilmente se encontram dois auctores unisonos, o que não nos surprehe de se soubermos que taes affirmativas proce-



Aspectos da Serra da Estrella. — Cabeça da Velha

dem de informações de chronistas, que descrevem a ethnographia da serra sem o conhecimento da observação directa.

Depois que a Sociedade de Geographia de Lisboa promoveu e levou a fim a celebre expedição scientifica á Serra da Estrella, publicando alguns dos seus bem elaborados relatorios, adquiriu-se mais exacto conhecimento da serra, cujo vertice attinge 1:991 metros acima do nivel do mar. N'este computo não se incluem 9 metros que, approximadamente, mede uma pyramide quadrangular levantada no ponto mais elevado da montanha.

São tambem dignos de censura muitos geographos modernos que vêem no *Cantaro Magro*, essa mole immensa de granito, a maior culminancia da serra.

Não raro asseveram os nossos antiquarios, como explicação a tão exaggeradas altitudes, que a serra toca as estrellas, achando-se invariavelmente cobertos de neve os seus cumes alcantilados.

Sempre tocada de perpetuo gelo

Que é de Herminia senhor, serra necada
Onde o quente verão nunca começa.

A pyramide, ha pouco referida, vulgarmente chamada *Torre*, ergue-se ao sul da região dos *Cantaros*, n'uma explanada alterosa conhecida pelo nome de *Malhão da Estrella*, nome desconhecido dos escriptores do seculo xviii, embora haja sido um termo muito usado para designar *marco*, *baliza*, *malhão* ou *cunhal* de enorme muralha: aqui facilmente se explica pela extraordinaria altura a que a serra se eleva, dominando sobranceira o valle, que se estende até ás margens do Tejo.

A pyramide *Torre* foi mandada construir em 1802, pelo principe D. João VI, como ha pouco ainda se lia na inscripção aberta na face voltada ao norte, que pastores por malvadez e espirito de destruição deitaram por terra em 1904.

No final da inscripção já se não liam os caracteres que designavam o fim para que tal pyramide fosse levantada, originando varias conjecturas e havendo até quem a suppozesse padrão de memoria das guerras peninsulares.

Sem duvida a sua construcção serviu de elemento á triangulação da carta geographica do reino, como outras pyramides geodesicas, chamadas *Torres*, levantadas em diversas altitudes do paiz.

Ào lado do obelisco ergue-se um pequeno terrasso quadrangular, que terá de altura cerca de tres metros; era igualmente destinado aos trabalhos geodesicos.

Outra pyramide havia sido construida antes da actual, proximo d'esta e provavelmente para fins identicos; mas, como notou M. Link, não escapou á destruição da vizinhança indigena!

A serra da Estrella, vista do poente, a grande distancia, desenha a configuração da quilha de um navio. E' a mais extensa do paiz (comp. 12 leg., larg. 8 leg.), e entre os antigos tinha o nome de *Montes Herminios Maiores*, para se distinguir dos *Montes Herminios Menores* (Serra do Marvão).

Alguns antigos chronistas ignoravam a denominação — *Herminius*, consagrada pela tradição secular; mas, depois das investigações de Hircio, Nunez de Leão, André de Rezende, Manuel da Esperança, Bernardo de Brito, e tantos outros, que se propuzeram exhumar passadas glorias e perpetuar o culto dos seculos, vulgarizou-se na tradição escripta o termo *Herminius*.

Não encontramos, é certo, semelhante termo nos escriptos de alguns dos mais importantes geographos romanos, embora a sua antiguidade; todavia a palavra *Herminio* designou sempre a actual *Serra da Estrella*, e mais se vulgarizou depois das façanhas de Viriato.

Bluteau faz a divisão do *Herminius* em montes maiores e menores, baseando-se em Hircio, que descreve a conquista realisada por Caio Longino na cidade de Meydobriga e no *Mons Herminius* (menor) azilo escolhido para refugio dos seus habitantes.

A pequena distancia da villa do Marvão, encontram-se ainda hoje vestigios da antiga cidade.

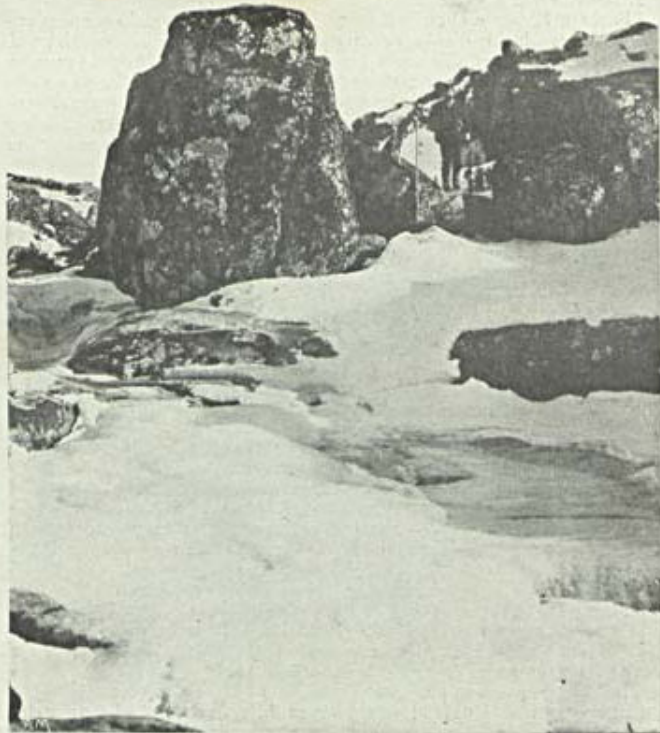
Este facto historico autorisaria Brito e outros a estabelecer a distincção entre *Herminius* maior e menor? Apesar do silencio de certos historiadores gregos e romanos, a orographia das duas cordilheiras confirma a terminologia de Rezende e Brito.

André de Rezende, o antiquario de mais credito pelo judicioso das suas descrições n'uma época em que se escrevia a historia sob o influxo das paixões, particularisando-se circumstancias minimas e triviaes, afirma que nas antigas doações de prazos e testamentos, encontrados no cartorio do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, se chama á Serra da Estrella *Herminio*, *Hermeno*, ou palavra equivalente.

Certo é que o nome *Herminius* já era conhecido dos romanos, embora Strabão e Pomponio Mella se não referissem directamente a esta serra ao descrever as importantes minas d'ouro dos montes da Iberia e da Lusitania.

Segundo a opinião dos mais abalisados e imparciaes chronistas, este nome provém da corrupção da palavra *Haraminha*, *Harmeno* ou *Hermeno*, que na linguagem dos antigos habitantes da serra significava — *cousa dura, aspera, intractavel, fragosa*, etc. Do archaico adjectivo formou-se a palavra *Herminius*, e não nos repugna acreditar na transformação morphologica do termo *Hermeno* em *Herminius*; n'esta opinião encontramos os mais pacientes chronistas.

Admittindo, portanto, como verdadeira a informação de Rezende, podemos dizer que a Serra da Estrella foi primitivamente designada



Aspectos da Serra da Estrella. — Um vau do rio Alva, gelado

pelo nome de *Hermenha*, transformando-se pelo decurso do tempo em *Hermínios*, nome mais tarde vulgarizado como título exclusivo da serra.

O appellido *Estrella* por que actualmente é conhecida esta serra não se pôde dizer muito antigo, se dermos credito a Rezende quando escreve: *Semper hic mons Hermenus vocatur, non autem Stellae, quasi nomen hoc recens nec ita pridem sit impositum*. As nossas referencias anteriores sobre a antiguidade do nome Hermenho confirmam esta asserção.

Não escasseiam as lendas sobre a origem do título *Estrella* e algumas d'ellas revestem um caracter tão inverosimil e attribuem-se a época tão impropria, que apenas poderão ser consideradas invenção de quem as escreveu.

Diremos de passagem que, considerando-se as lendas um importante factor para a averiguação de factos historicos, pois se diz que a historia começa onde acaba a lenda, deixam de occupar o lugar que lhes compete na critica quando estejam longe de preencher tal fim. E' incontroverso que a sciencia deve o seu impulso às lendas; mas nem por isso devemos deixar de commentar-as para conhecer o seu valor subsidiario nas alterações que as sciencias sofrem atravez da sua marcha evolutiva. Passou o reinado nefando do *ipse dixit*; hoje a critica historica impõe-se ensinando-nos a extremar, na investigação e explicação de certos factos historicos, o verdadeiro do fabuloso.

Continuemos:

A versão quasi geralmente seguida pelos escriptores que succederam a Rezende, relaciona similhante appellido com um accidente orographico.

N'uma das cumiadas da serra, dizem, destaca-se um penedo ou penha saliente, que visto a certa distancia desenha os contornos d'uma estrella. Assim conjecturou Rezende: *audivi, a pastoribus inditium, argumento Stellae, in summitate cujusdam rupis ab natura effigiatæ*.

Antes do século xvi desconhecia-se esta lenda, a que alguns escriptores reconhecem mais remota antiguidade; cremos que tal presupposto se não harmonisa com a doutrina de Rezende quando nota que os termos Haraminha, Hermenho e Hermínios eram indistinctamente empregados para nomear a Serra da Estrella. A partir dos estudos de Rezende, e só depois do século xvi, é que começou de apparecer a palavra *Estrella* como designação exclusiva.



Aspectos da Serra da Estrella. — Cascata de Fervença
— Rio Alva

Até certo ponto parece-nos justificavel a lenda referida, que procura a origem de *Estrella* num accidente orographico de que os pastores deram noticia a Rezende, ou a quem o informou, embora não seja ainda essa a lenda que originou o pomposo appellido, como adeante referimos.

Julgou-se por muito tempo o *Cantaro Magro*, ou uma outra elevação proxima, a maior culminancia da serra, que vista a distancia



Aspectos da Serra da Estrella. — Cascata do porto da Lage,
no verão

pode apresentar a configuração de uma estrella. Não era outra a intenção de Bernardo de Brito ao dizer: «Mas depois que de poucos annos a esta parte, se lhe poz o nome de *Strella*, por causa de dois altissimos penedos, hũ dos quaes acaba na feição, e modo de hũa *strella*, donde os pastores, f' alli vão com seus gados na força do verão, lhe derão tal appellido».

Outra versão corre impressa, que relaciona com certo romano a origem de — *Estrella*.

Leitão de Andrade exprime-se d'est'arte: «A Serra da Estrella se chamava antigamente a serra do Estrella, homem romano, Sacerdote Augur, e Triumvir que viveo, e acabou n'aquelles montes». Em seguida accrescenta: — «Na dita serra se achou numa pedra este mole, que depois foy gossado e com muytas voltas, e parece foy feito em louvor de alguma Serrana nobre chamda Madanella, que diz assim:

MADANELLA

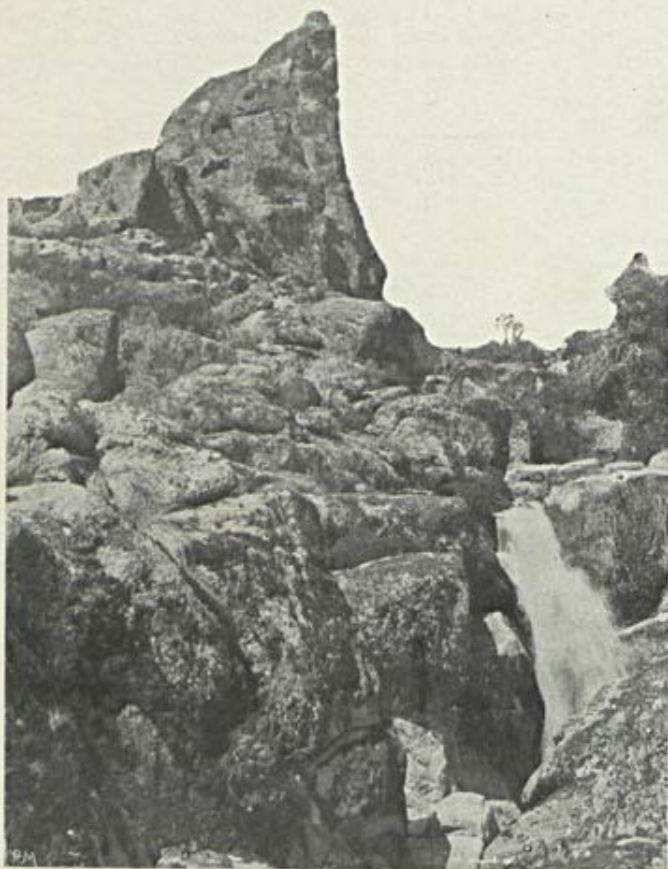
Nasceu na Serra da Estrella
Que confina com as Estrellas
Tomou a aspereza d'ella
E a formosura d'ellas.

Braz Garcia de Mascarenhas (*O Viriato Tragico*, Lisboa, 1816, canto i, est. 15) verseja tambem assim:

Nasceu (Viriato) n'aquella Serra que chamada
Hermínia foi, e hoje se chama Estrella,
Dita assim de uma ponta retulhada,
Que a natureza fez da feição d'ella:
Tão eminente, e sempre tão nevada,
Que a luz solar reverberando n'ella,
Faz parecer a quem mais se avizinha,
Caudal Cometa, que ao Zenith caminha.

(Continúa.)

Adelino de Abreu.



Aspectos da Serra da Estrella. — Cascata do Aguilhão

Theatros

Garrett, *O noventa e tres*, peça em 9 quadros, extrahida do romance de Victor Hugo e adaptada à scena portugueza, por Augusto de Castro. — **Trindade**, *Amores de príncipe*, operetta em 3 actos, de Vigotto, musica de Eysler, tradução de Accacio Antunes. — **Gymnasio**, *O rato azul*, comedia em 3 actos adaptada do allemão por Xavier Marques. — **Avenida**, *Conde de Luxemburgo*, operetta em 3 actos de Franz Lehar, tradução de Accacio Antunes. — **Rua dos Condes**. — **Colyseu dos Recreios**. — **Apollo**.

Peça bastante antiquada, cheia de movimento, com muitos tiros, mortes, gritos dolorosos, incendios; todos os matadores emfim; é esta que a empresa do **Garrett**, reconhecendo-lhe, talvez,

uma certa oportunidade, pelo facto da sua acção se basear na revolução de 93, que implantou a primeira republica em França, se lembrou de fazer reviver na nossa scena depois de um lethargo de trinta annos. O publico de hoje, porém, embora dê preferencia — attestam-no os factos — ao theatro romantico; cheio de movimentos lancinantes, de heroismos as mais das vezes absurdos e de sentimentalismos piegas, já pouco se commove com tanta mortandade, que mais parece um açougue de carne humana que uma peça theatral, e com a uniformidade monotonica de todos os quadros, dos quaes merece apenas referencia a scena na taverna entre Marat, Robespierre e Danton, a unica de toda a peça onde se adivinha o dedo gigantesco de Victor Hugo. Emquanto ao desempenho, justo é dizer que todos diligenciaram, embora deslocados na distribuição dos papeis, acertar, e conseguiram-no: Mendonça, n'uma rabula de um velho mendigo; Ignacio, no *Marat*, que representou por fórma a dar-nos a impressão da personagem; Augusto de Mello, n'um padre liberal, e Luiz Pinto, O scenario muito regular, assim como o guarda-roupa. Excelente a marcação de Augusto de Mello.

E eis a impressão que nos deixou o 93.

— No **Trindade** representaram-se agora os *Amores de príncipe*, peça de que já aqui registámos as nossas boas impressões, quando representada pela companhia Galhardo no Avenida, onde teve uma excellente interpretação. Da mesma maneira e com igual brilhantismo, sem aso a rivalidades, nos foi dado presenciar-a agora pela companhia Taveira, tendo por principal interprete feminina a talentosa actriz Palmyra Bastos, estrellia reluzente em qualquer dos generos de comedia, drama ou operetta. Deve ter farta carreira a inspiradissima operetta.

— Ao leitor que quizer experimentar a agradável sensação de uma noite de riso e alegria recommendamos-lhe o *Rato azul*, que ora se representa no **Gymnasio**, adaptado do allemão, com mestria, pelo comediographo Xavier Marques, e que é habilmente representado por Christiano, Cardoso, Augusto Machado, Judith de Mello e outros.

— Aos enormes successos das ultimas operettas representadas no **Avenida**, temos a acrescentar o do *Conde de Luxemburgo*, que se está representando em quasi todas as cidades da Europa, com um successo quasi igual ao da *Viuva alegre* do mesmo auctor. O entrecho, semelhante ao do D. Cesar de Bazan, decorrendo, porém, na nossa época, é interessante, e a musica... basta a firma do auctor para a garantia ser absoluta. Para breve se annuncia n'este theatro *O Amor de Zingaros*, operetta tambem allemã que vem precedida de grande fama e de que nos dizem maravilhas.

— O **Rua dos Condes** vae-nos dando peças do antigo repertorio, mas de agrado certo, que estão de ha muito consagradas pelo publico, como o *Conde de Monte Christo*, a *Vida de um rapaz pobre*, *Marquez de Pombal* e outras. Activam-se os ensaios da peça patriótica *Cinco de Outubro*, de Mario Monteiro.

— No **Colyseu** continuam interessantissimas e despertando o maior enthusiasmo as luctas entre japonezes e europeus, enchendo-se a vasta sala, todas as noites, de espectadores, que ruidosamente se manifestam, dando assim ao espectáculo uma dupla nota de interesse.

— O *Sacristão de Santo Eustachio* subiu novamente á scena agora no **Apollo**, mantendo o seu antigo papel a actriz Lucinda do Carmo, que lhe dá toda a graciosidade que elle requer. A peça é sobejamente conhecida, por isso nos abtemos de falar no entrecho. O resto do desempenho nada deixa a desejar.

Rev.

TYPOS DA SERRA DA ESTRELLA



Vendedores de louça atravessando a serra